

DOCUMENTO E IDENTIDADE: O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL NA DÉCADA DE 80.

ELAINE MARQUES ZANATTA

"Queremos ser o que somos."*

APRESENTAÇÃO

Este artigo pretende trazer a público as fontes para pesquisa com a documentação do movimento homossexual, depositada no Arquivo Edgard Leuenroth - Centro de Pesquisa e Documentação Social (AEL) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP, no final dos anos 80 e início dos 90. Inicialmente, apresentar-se-á um breve histórico com os eventos mais marcantes para o movimento homossexual no período. Todas as informações aqui apresentadas foram buscadas na documentação manuscrita e nos periódicos dos fundos que representam a temática em questão. A seguir, a apresentação sumária dos mesmos indicará os principais itens que compõem cada um deles. Como o objetivo é apresentar os fundos documentais do movimento homossexual no Brasil, tecendo algumas considerações a partir dos registros consultados quando da organização deste conjunto de documentos, não se pretende aqui uma reflexão de caráter bibliográfico mais abrangente.

INTRODUÇÃO

O Arquivo Edgard Leuenroth recebeu, ao longo da segunda metade da década de 80, diversas coleções provenientes de grupos de militância do movimento homossexual brasileiro, basicamente dos estados de São

* Frase usada como slogan pelo *Grupo Somos*.

Elaine Marques Zanatta

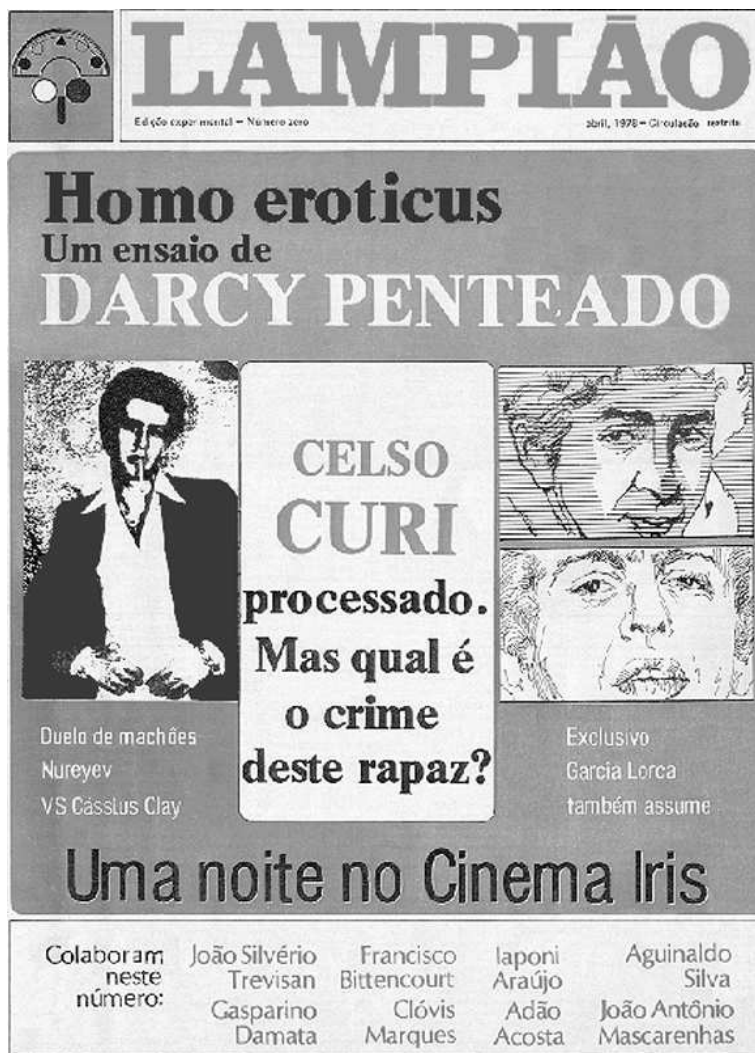
Paulo e Rio de Janeiro. Na ocasião, estes grupos encerravam suas atividades, levados pelos mais diversos motivos. Acompanhando o crescimento dos movimentos populares, que inúmeras vezes foram seus parceiros nas reivindicações sociais, o movimento homossexual sustentou-se no tripé identidade, sexualidade e cidadania e buscou a identidade homossexual, o direito ao livre exercício das escolhas sexuais individuais e a autonomia do movimento homossexual: um legítimo exercício de cidadania, para o qual foram atraídos homens e mulheres que, rotineiramente, iniciaram as atividades no interior de seus grupos, com discussões destinadas à necessidade de exercitar a auto-estima, reconhecer direitos legítimos a qualquer pessoa e até mesmo recuperar o sentido de palavras como "bicha" e "lésbica", dando naturalidade à expressão "ser homossexual". Não menos difícil do que começar por se auto-definir, foi a imediata necessidade de lutar contra a violência da sociedade com relação aos homossexuais, partisse ela do Estado, da ação da polícia, da esquerda ou da sociedade em geral, expressando-se muitas vezes nas negativas, no escândalo ou no preconceito que estimulava o isolamento no gueto. A identidade era fundamental para enfrentar lutas maiores, e a militância política dentro do movimento homossexual fortaleceu-se numa vasta rede de informações e solidariedade, ampliando a divulgação da questão homossexual e conduzindo a imprensa a tratar o assunto de forma diferente.

OS PIONEIROS DESTA FASE DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL

Duas iniciativas importantes inspiraram a grande quantidade de grupos que surgiram ao longo da década de 80. Uma delas foi a criação do jornal *Lampião*, com sua edição experimental número zero, em abril de 1978, e a edição número um, no 25 de maio seguinte, como *Lampião da Esquina*, no Rio de Janeiro. Outra, foi a formação do *Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais*, posteriormente, *Grupo Somos de Afirmação Homossexual*, em maio de 1978, em São Paulo.

Assim, o jornal *Lampião*, em seu número zero, edição experimental, em matéria assinada pelo Conselho Editorial, indaga por que - ao lado

Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80.



Capa da edição experimental, do número 0, do jornal *Lampião*, de abril de 1978, publicado no Rio de Janeiro (no AEL, periódico brasileiro J/0393). Banco de Imagens/AEL/UNICAMP.

Elaine Marques Zanatta

das mudanças que o país estava tendo, tais como eleições, criação de novos partidos políticos e anistia - um jornal homossexual? Buscando sair do isolamento e conclamando o abandono da vida em gueto, o jornal lança-se como um espaço de esclarecimento e militância:

*"(...) o que Lampião reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito - o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal. Para isso, estaremos mensalmente em todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas."*¹

O tablóide circulou até a sua 37^a edição, em junho de 1981.

Considerado o mais bem organizado e o mais ativo de todos os grupos², o *Grupo Somos de Afirmação Homossexual*, de São Paulo, ao final do primeiro semestre de 1979, reunia quase uma centena de associados. Em seu documento-memória³, o grupo expressa a idéia de

¹ *Lampião*, Edição Experimental, n. 0, Rio de Janeiro, abr. 1978, p. 2 (grifos do jornal). Este periódico pode ser encontrado no AEL através do Tombo J/0393.

² Ver em *Lampião da Esquina*, ano 2, n. 20. Rio de Janeiro, jan. 1980, p.8.

³ GRUPO SOMOS. *Histórico*. São Paulo, (1979), 1p.

Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80.

que sua fundação foi concebida a partir da vontade comum de várias pessoas que desejavam possibilitar o encontro de homens e mulheres homossexuais fora dos locais habituais de encontro, proporcionando espaço e oportunidade de um maior conhecimento entre pessoas. Assim, o grupo organizou-se buscando sua identidade de grupo e se apresentou a partir da "necessidade da maior conscientização individual e social da questão sexual e, como característica, desde o início, o aprofundamento da discussão franca e sincera sobre o tema homossexual, tanto internamente como em atuação externas." Outra característica do grupo foi também a sua aproximação dos demais movimentos sociais. Assim, "uma característica do nosso grupo que é prestar esclarecimentos e promover debates sobre a nossa sexualidade é o trabalho conjunto com outros setores oprimidos considerados 'minorias', ou seja: mulheres, negros e índios".

INSPIRAÇÃO PARA NOVOS GRUPOS

O *Somos* aproveitou o espaço de correspondência e divulgação do jornal *Lampião da Esquina* para inspirar outros homossexuais a criarem grupos de reflexão e militância. Somente com o mesmo nome, *Somos*, existiram outros dois grupos, um no Rio de Janeiro e outro em Sorocaba, interior de São Paulo, homenageando assim os colegas paulistanos e mantendo uma tradição de homenagens, como fora a do próprio grupo *Somos* que, por sua vez, homenageou o *Somos - Frente de Libertação Homossexual da Argentina*, apontada como o primeiro grupo latino-americano organizado de conscientização e militância homossexual⁴.

Na seqüência, outros grupos foram se organizando, buscando trocar experiências e, observou-se, nas correspondências dirigidas aos grupos, a existência destes em diversos estados brasileiros e correspondentes individuais nas mais diversas localidades do país e também do exterior. As cartas dirigidas ao jornal *Lampião da Esquina* também indicam o

⁴ *Lampião da Esquina*, ano 1, n. 12. Rio de Janeiro, maio 1979, p.3.

Elaine Marques Zanatta

crescimento acelerado do movimento. Em edição de março de 1980, ao anunciar o primeiro encontro brasileiro de homossexuais, este mesmo jornal apresentou uma lista dos grupos organizados, uma vez que o acesso para a primeira parte das atividades do Encontro deveria fazer-se através dos mesmos. "Escolha aqui a sua turma", era a chamada, e se seguiram os grupos já constituídos na ocasião: *Jornal Lampião/RJ*, *Auê/RJ*, *Somos/RJ*, *Beijo Livre/DF*, *Eros/SP*, *Libertos/Guarulhos/SP*, *Somos/SP*, *Atuação Lésbico-Feministas/SP*, *Grupo de Atuação e Afirmação Gay/Caxias/RJ*, e finalizava com uma chamada dos baianos para "um grupo de discussão sobre homossexualismo". Na edição de junho de 1980, a lista adquiriu caráter de coluna com o título "Escolha seu Grupo", e surgiram mais três grupos: *Terceiro Ato/MG*, *Grupo Gay da Bahia/BA*, *Grupo de Santo André/Santo André/SP*; em julho seguinte, surgiram outros três: *Facção Gay da Convergência Socialista/SP*, *Grupo Outra Coisa - Ação Homossexualista/SP*; na edição seguinte, de agosto, mais três grupos: *Gols-ABC - Grupo Opção à Liberdade Sexual/Santo André/SP*, *Gatho - Grupo de Atuação Homossexual/PE* e *Nós Também/PB*; no mês seguinte, mais um grupo apresentou-se: *Bando de Cá/Niterói/RJ*; na edição de janeiro de 1981, um grupo gaúcho: *Coligay/RS* e na edição seguinte, de fevereiro, novamente três novos grupos: *Grupo Terceiro Mundo/RS*, *Coletivo Alegria Alegria/SP* e *Terra Maria: Opção Lésbica/SP*. Considerando o *Lampião da Esquina* como um grupo, surgiram 22 grupos de militância homossexual entre abril de 1978 e fevereiro de 1981.

OS PRINCIPAIS EVENTOS

Alguns eventos foram especialmente significativos não só no fortalecimento dos grupos, como também na divulgação da questão homossexual e do movimento.

Em 1979, o grupo *Somos* participou de um debate realizado no campus da Universidade de São Paulo, que reuniu minorias, entre elas, os homossexuais. Este foi o primeiro pronunciamento ao vivo do grupo e também o desafio de uma explanação em público de seus objetivos.

Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80.

Liderados pelo grupo do *Lampião da Esquina*, patrocinador do primeiro evento desta geração de militantes homossexuais, realizou-se o I Encontro Nacional do Povo Gay, em 16 de dezembro de 1979, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro. Contou com a participação dos grupos já organizados, a saber: de São Paulo, *Eros*, *Libertos*, *Somos*, *Lésbico-Feminista*, *Somos* (Sorocaba); do Rio de Janeiro: *Somos*, *Auê* e *Grupo de Atuação e Afirmação Gay*, de Caxias, RJ e de Brasília, o grupo *Beijo Livre*. Como observadores recebeu representantes de futuros grupos de Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza e Recife. Reuniu cerca de 60 pessoas, e sobre a avaliação do movimento, assim se expressou o jornal: "Diante do arsenal de idéias e de projetos plausíveis e inventivos apresentados na ABI, cresceu a certeza de que o movimento já está maduro e capaz de criar uma perspectiva de ação social para os homossexuais organizados."⁵ Decidiu-se, então, pela realização de um congresso nacional a ser realizado em abril do ano vindouro, em São Paulo, organizado pelos grupos sediados na cidade.

OS CONGRESSOS FEMINISTAS

A participação nos congressos feministas vinha ao encontro das expectativas do movimento homossexual, não só porque as lésbicas buscavam aprender com a experiência anterior e mais ampla do movimento feminista, como também por ser considerado um movimento de minoria com expressiva repercussão na sociedade, além, é claro, da identificação enquanto mulheres.

Nos dias 8 e 9 de março de 1980, aconteceu o II Congresso da Mulher Paulista, e nos dias 22 de fevereiro, 7 e 8 de março de 1981, o III Congresso da Mulher Paulista. Embora o evento não fosse dirigido ao movimento homossexual, a participação das mulheres homossexuais

⁵ *Lampião da Esquina*, ano 2, n. 20. Rio de Janeiro, jan. 1980, p. 7.

Elaine Marques Zanatta

trouxe à mostra uma nova questão: a especificidade da questão feminista e, dentro dela, o lesbianismo, foram temas de difícil tratamento⁶. É necessário lembrar aqui, para melhor compreender o processo que se desencadeou ao longo dos dois congressos feministas, as práticas dos grupos organizados, que utilizavam como tática de ação a aproximação dos movimentos sociais, buscando apoio popular e ampliação de bases. Insistindo na tese de que a libertação era uma dívida com a classe operária, e que as questões da dominação, da exploração e da violência não diziam respeito às mulheres, mas a toda a sociedade, a insistência das feministas em discutir seus temas específicos, tais como o da sexualidade e dos papéis sociais, entre outros, era considerada inoportuna e divisionista, até mesmo porque estes não seriam os problemas das mulheres operárias. O debate ideológico que se travou entre a luta maior e as lutas específicas comprometeu o encaminhamento dos congressos, em especial do III Congresso, e desestabilizou os grupos dos movimentos feminista e homossexual. Este último, em especial, fora exposto de forma depreciativa e preconceituosa. As lésbicas mostravam-se preocupadas com a questão da violência contra as mulheres homossexuais, "*discutindo o tema 'violência' é que poderemos aprofundar a questão lésbica do ponto de vista da dupla discriminação - enquanto mulheres e lésbicas - a que estamos sujeitas, no quadro do regime opressor em que vivemos.*"⁷ Para os grupos de extrema esquerda, a luta era uma só, "não há violência contra a mulher, mas sim contra homem e mulher da classe operária!", e acusaram as feministas do pecado de serem pequeno-burguesas, de falarem uma linguagem elitista e de apresentarem propostas pouco interessantes ao povo e à revolução⁸.

⁶ *Lampião da Esquina*, ano 2, n. 23. Rio de Janeiro, abr. 1980, p.6. e segs; *Grupo de Ação Lésbico-Feminista* (entrevista concedida), São Paulo, s.d., 3p.

⁷ *Convocatória*. Os grupos Ação Lésbica Feminista e Terra Maria - Opção Lésbica, convocam as mulheres homossexuais para participarem do III Congresso da Mulher Paulista (1981), 1p., e *Mulheres Violentadas*, s.l.d. (panfleto distribuído ao II Congresso da Mulher Paulista, em 1980).

⁸ *Lampião da Esquina*, ano 2, n. 23. Rio de Janeiro, abr. 1980, p. 6 e segs.

Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80.

De forma agressiva as políticas dos grupos de esquerda organizados radicalizaram-se e entre o II e III Congressos, de uma participação iniciante, as lésbicas, passaram a ser o alvo predileto no enfrentamento. O jornal *Lampião da Esquina*, em matéria intitulada "A hora da porrada"⁹, comenta:

"De tímidas participantes o ano passado, as lésbicas emergiram para a crista da onda neste III CMP, ao se tornarem alvo predileto da HP¹⁰, para quem a coisa se colocava assim: de um lado as lésbicas, de outro o povo brasileiro (...)."

Ainda no mesmo artigo, lemos uma negociata entre os organizadores:

"(...) militantes do HP, na iminência de perderem o Pacaembu entraram em contato telefônico com a Coordenação, para propor a reunificação. Concordavam em aceitar as lésbicas em troca do apoio à Constituinte. Mas não abriam mão de sua oposição ao SOS/Mulheres",

uma vez que, ainda mais grave, o SOS

"transforma violência na família em caso de polícia e faz o jogo da ditadura, porque culpa o operário que chega em casa cansado e bate na mulher (...)."

⁹ *Lampião da Esquina*, ano 3, n. 35. Rio de Janeiro, abr. 1981, p. 12.

¹⁰ HP: sigla do jornal *Hora do Povo*, voz do grupo esquerdista Movimento Revolucionário 8 de Outubro, o MR-8, expressão importante no encaminhamento das questões durante o II e III Congressos da Mulher Paulista - em especial, neste último - detentor de grande contingente de participantes com posições previamente definidas, fundamentadas em estratégias determinadas pela organização (nota da autora).

Elaine Marques Zanatta

O maior prejuízo ficou, sem dúvida, para o movimento feminista. Diversos grupos se retiraram da Coordenação do III Congresso. Para as militantes do movimento homossexual, antes mesmo de se esgotar o tema, exauriam-se esforços de mobilização e reflexão.

O grupo *Ação Lésbico-Feminista*, o maior grupo organizado em São Paulo, na época, insistiu no fato de que a luta das mulheres incluía as lésbicas; porém, o enfrentamento, agora, com algumas representações feministas aflorou mesmo fora dos Congressos. No documento "Sobre a violência", elas afirmam:

*"Queremos propor que o movimento feminista não reproduza o discurso politiquês machista das lutas gerais contra as lutas específicas e que todas as questões referentes a todas as mulheres sejam igualmente prioritárias. Igualmente prioritárias, mesmo porque a mulher homossexual também é negra, a mulher homossexual também é mãe, a mulher homossexual também é dona de casa, a mulher homossexual também é prostituta, a mulher homossexual também é operária, a mulher homossexual também está na periferia e calar a respeito dessas múltiplas opressões também nos torna cúmplices da violência."*¹¹

I ENCONTRO BRASILEIRO DE HOMOSSEXUAIS

Uma reunião de preparação para o encontro nacional de homossexuais aconteceu em 03 de fevereiro de 1980, em São Paulo, e o I Encontro Brasileiro de Homossexuais¹², o I EBHO, realizou-se de 4 a 6 de abril. Este evento incluiu duas atividades principais: nos dias 4 e 5 aconteceu o I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados, o I

¹¹ *Sobre a Violência*, documento do Grupo de Ação Lésbico-Feminista. São Paulo, (1982).

¹² I Encontro Brasileiro de Homossexuais - I EBHO, Programa, (1980), 3p.

Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80.

EGHO, no Teatro do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da USP; no dia 6, um debate aberto ao público.

O I EGHO contou com a participação de aproximadamente 200 pessoas, entre militantes ligados aos grupos existentes e observadores convidados, além de militantes das cidades de Belo Horizonte, Vitória, Goiânia e Curitiba. Foram discutidos os temas "A questão lésbica", "O machismo entre homossexuais", "Papéis sexuais", "Michês" e "O travesti e a repressão". Nos dois primeiros dias, as discussões foram restritas aos grupos e a seus convidados e, no terceiro dia, o Encontro Brasileiro aconteceu como um ato público no Teatro Ruth Escobar com a presença de mais de 1.000 pessoas, segundo comentário da grande imprensa, registrado pela cobertura jornalística do *Lampião*¹³.

O movimento homossexual havia mostrado condições para preparar um congresso nacional, posteriormente decidido como "encontro", mais modesto e mais representativo, pois não havia intenção de criar convenções, mas aproximar os homossexuais e definir metas para a militância homossexual.

A decisão de fazer o I Encontro restrito aos grupos foi explicada pelos organizadores como "medida tomada para evitar repressão e também impedir que os ditos 'aliados das minorias' viessem desviar o objetivo do encontro como fizeram no "II Congresso da Mulher Paulista"¹⁴. Porém, a chamada luta geral, que se contrapunha à luta específica, não estava restrita aos grupos minoritários; tratava-se de um momento particular das lutas sociais que o país vivia. As táticas de atuação e as discussões propostas pela esquerda não diziam respeito somente aos movimentos de minoria mas a toda sociedade. Assim, fechar as portas para evitar a invasão destes inoportunos participantes não evitou que no seio mesmo dos grupos houvesse divergências.

Com o Encontro restrito, ficou mais transparente a posição de um grupo de homossexuais ligados à Convergência Socialista dentro do grupo

¹³ *Lampião da Esquina*, ano 2, n. 24. Rio de Janeiro, maio 1980, p. 3 e segs.

¹⁴ *Em Tempo*, n. 104. São Paulo, 17 a 30 de abril de 1980, p. 18.

Elaine Marques Zanatta

Somos. Colocaram-se então, frente a frente, formas e espaços de atuação diferentes, radicalizando os debates e, novamente, pondo em questão concepções ideológicas diversas. Este grupo socialista criou, logo a seguir, a *Facção Homossexual da Convergência Socialista*, e em publicação especial¹⁵, apresentou sua compreensão dos fatos daquele I Encontro:

"(...) Na abertura da plenária, foi lida uma moção de apoio aos metalúrgicos do ABC, em plena greve, tendo sido muito aplaudida. A discussão da relação do movimento homossexual com outros setores oprimidos e explorados, ocupou grande parte dos dois dias anteriores, e acabaria por tumultuar a plenária diversas vezes. Uma proposta de participação no 1º de Maio foi levada à votação, perdendo por um voto. Foi um divisor de águas dentro do movimento homossexual, enquanto questionava os rumos que o movimento tomaria."

E continua:

*"Logo depois do Encontro a discussão sobre a participação no 1º de Maio polarizou o grupo **Somos**, que não conseguiu chegar a um consenso sobre uma atuação unitária no Dia do Trabalhador. Formou-se, então, uma comissão de homossexuais pró 1º de Maio para organizar o primeiro contato do Movimento Homossexual com os trabalhadores do ABC. Havia uma certa apreensão, por parte dos ativistas, em relação à reação dos operários a essa atuação inédita na história do país, mas quando os 50 homossexuais (homens e mulheres) entraram no Estádio de Vila Euclides, a reação dos 100.000 operários ali reunidos foi das mais inesperadas. Aplaudiram vivamente o grupo que portava duas faixas: 'Contra a Intervenção nos Sindicatos' e 'Contra a Discriminação do(a) Trabalhador(a) Homossexual'."*

¹⁵ OKITA, Hiro. *Homossexualismo: da opressão à libertação*. São Paulo, Proposta Editorial, 1981, p. 53.

Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80.

Nesta mesma publicação, a *Facção Homossexual da Convergência Socialista* apresentou estudo sobre o tema e buscou esclarecer teoricamente sua posição:

*"O Movimento Homossexual no Brasil é composto de um pequeno número de pessoas, na maior parte da classe média, e o pensamento dominante no Movimento, e que gera muita confusão entre os participantes, é a visão de que todos nós, homossexuais, estamos unidos pela nossa opressão que sofremos em comum. Portanto, deve-se lutar para a nossa libertação sem olhar para as classes que nos separam. Sem olhar para as lutas travadas por todos os trabalhadores oprimidos no Brasil, que são a maioria. (...) Isto não quer dizer que os homossexuais em seu conjunto não devam se unir para as lutas específicas, ao contrário, esta união é necessária, mas sempre chega o dia em que a bicha rica terá interesses diferentes dos trabalhadores. (...) A luta por nossa libertação é dura e temos que exigir o nosso direito desde já, mas sabemos que somente uma mudança da sociedade é que poderá levar esta luta para espaços maiores. Não há outra maneira de destruir todas as forças que mantêm a opressão. Ela passa pela mudança da sociedade. E a classe trabalhadora é a única força social que pode cumprir esta tarefa. É a revolução socialista que vai criar as verdadeiras condições para se desenvolver um processo cultural e sexual inteiramente aberto, livre de repressões."*¹⁶

Havia que se compreender melhor como o movimento homossexual desejava caminhar. Nas questões das lésbicas com os militantes das organizações políticas e com as feministas, por diversos momentos aquelas tentaram se fazer entender - procuravam formas novas e mais humanas de viver suas realidades cotidianas, novas maneiras de relacionamentos que discutissem o autoritarismo, e nos quais a confiança, a solidariedade

¹⁶ *Idem, ibid.* 1981, p. 53 e segs.

Elaine Marques Zanatta

e a fraternidade fossem essenciais. Porém, no debate acirrado dos grupos políticos, estas questões não buscavam as mudanças radicais que a sociedade precisava. Assim, na adequação ao modelo determinado pelas organizações partidárias não havia espaço para uma opção que não fosse a da revolução. Durante o I Encontro Brasileiro de Homossexuais tornou-se claro que os grupos não alinhados nas organizações políticas desejavam atuar com autonomia, portanto, de maneira diferente das propostas pelas organizações. Como as escolhas são também políticas, o enfrentamento gerou divisões ("rachas") dentro dos grupos. Um articulista do *Lampião da Esquina*, assim se expressou acerca do I Encontro:

"(...) Digo isso para dar uma idéia de certos momentos críticos, onde a competição (...) explodiu escandalosamente, num acontecimento que fora feito para propiciar conhecimento mútuo e solidariedade.(...)."

E mais adiante:

"(...) Pela mostra desse Encontro, acho que reproduzimos sobejamente os padrões políticos tradicionais. Então me pergunto se não estamos desperdiçando energia em tentar imitar e multiplicar partidos políticos já existentes. (...) Mas de tudo isso, pode-se dizer que o I EGHO foi fértil pelo fato de nos mostrar o que não somos e o que nos falta. Seria desejável que no próximo ano começássemos pelo começo: discutindo aquilo que temos de original; pois se não sabemos em que somos originais, nosso primeiro gesto deverá ser necessariamente o de nos conhecermos por dentro: ou seja, é urgente que descubramos as nossas especificidades enquanto Movimento. Para com elas encontrar (criar) formas novas de fazer política, formas nossas. Sim, é fundamental mobilizar 'as bases', como no ato político do Ruth Escobar. A mobilização de fato ocorreu e foi gratificante. Mas para além disso, nos defrontamos com uma questão ligada a nossa própria sobrevivência enquanto movimento: ou mudamos a forma

Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80.

*de atuação política baseada na competição partidária/doutrinária ou, no mínimo, teremos vários rachas no II Encontro, em 1981 (...)."*¹⁷

Os resultados do I Encontro Brasileiro de Homossexuais foram significativos para o movimento. O fato de reunir grande número de homossexuais militantes - cerca de 200 pessoas de todo o país durante os trabalhos, preocupados com as ações e a direção do grupos homossexuais, e de reunir mais de 1.000 pessoas no ato público de encerramento - pôs em evidência o que não se podia mais esconder. Externamente, o movimento homossexual ganhou expressão dentro dos movimentos sociais e se consolidou. Internamente, os interesses reorganizaram os grupos - as lésbicas argumentaram que suas questões eram mais específicas e que o processo de afirmação somente era possível dentro de grupos femininos, e retiraram-se do grupo *Somos*, formalizando independentemente, o grupo *Lésbico-Feminista*¹⁸ e um grupo de militantes recusou a identificação do *Somos* com a Convergência Socialista, alegando que os interesses do grupo haviam sido desviados dos interesses básicos que eram os de discutir a sexualidade e lutar contra a discriminação sexual. Após o I Encontro e a partir de diversas reuniões, criou-se, em maio de 1980, o grupo *Outra Coisa - Ação Homossexualista*¹⁹.

A VIOLÊNCIA ESTÁ NAS RUAS

Outro evento, considerado uma marco na luta homossexual, foi o "Ato Público contra a Repressão Policial Arbitrária contra Homossexuais", realizado em 13 de junho de 1980. A concentração -

¹⁷ *Lampião da Esquina*, ano 2, n. 24, Rio de Janeiro, maio 1980, p. 5 e segs.

¹⁸ *Chanacomchana*, n.3. São Paulo, maio 1983, Edição de aniversário, p. 2. Este periódico pode ser encontrado no AEL através do Tombo J/0905.

¹⁹ *Grupo Outra Coisa - Ação Homossexualista, Três anos (1980/1983)*, São Paulo, maio 1983, 2 p.

Elaine Marques Zanatta

seguida de passeata - reuniu cerca de 1.000 manifestantes, que contaram com o apoio de outros militantes do movimento social, como as feministas, os estudantes e os negros. A manifestação pública completou-se com inúmeros manifestos²⁰ assinados por advogados, reitor, professores e parlamentares, em protesto à forma violenta e inaceitável como vinha agindo a polícia paulista, sob o comando do Delegado da Seccional Centro de São Paulo, José Wilson Richetti. A ação policial intimidava homossexuais nas ruas ou em bares e restaurantes, dando ordem de prisão a todos,

*"prendendo indiscriminadamente todas as pessoas que, porventura, estiverem passando pelo local das 'batidas' (portando ou não documentos). O alvo preferido do delegado são os homossexuais, os negros, travestis e prostitutas. Porém, qualquer outra pessoa pode ser detida."*²¹

A repercussão é tal, que, após ouvir o depoimento de diversos detidos, principalmente das prostitutas - as mais agredidas fisicamente nas operações policiais -, o Delegado Richetti e o Secretário de Segurança são convocados a depor na Comissão de Direitos Humanos da Câmara Estadual. São abertas denúncias públicas e um jurista reconhecido publicamente entra com representação judicial contra ambos²².

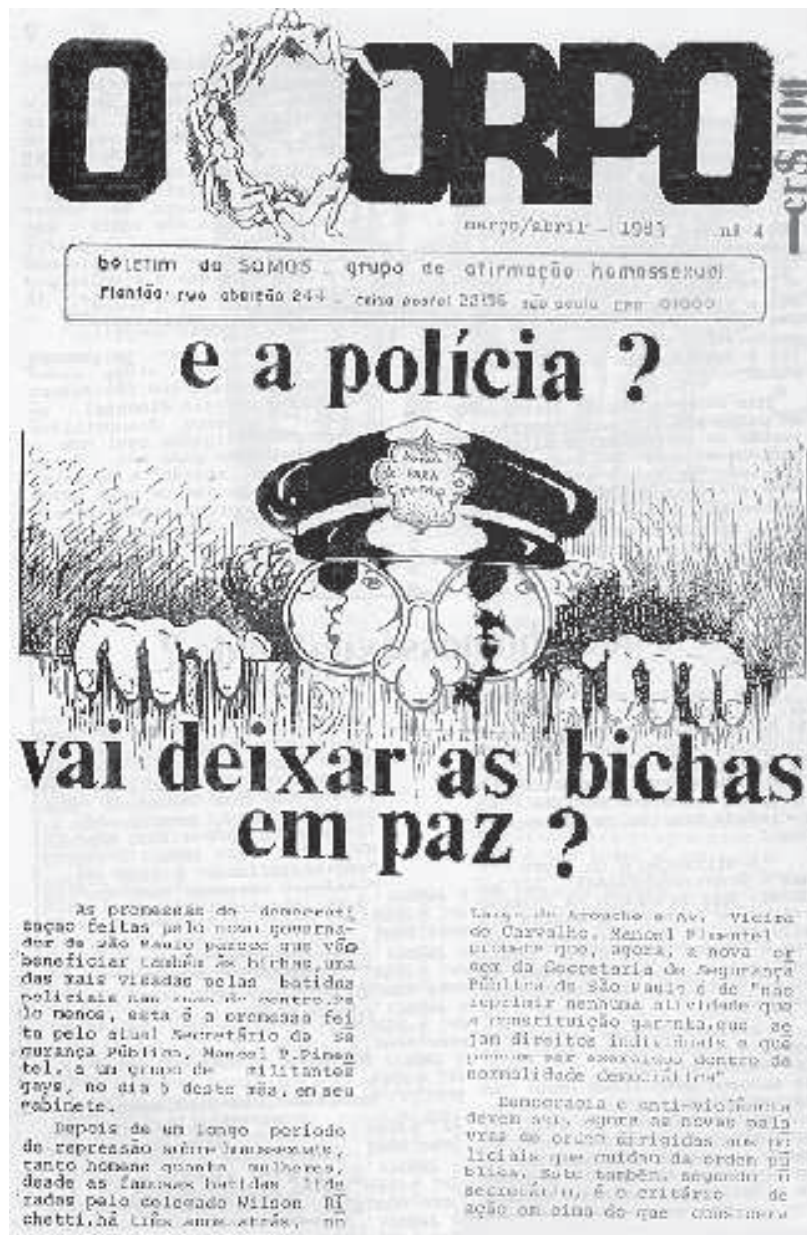
O RECUO DO MOVIMENTO

Durante os anos de 1980 e 1981, o movimento realizou outras atividades, porém sem o impacto das anteriores. De formas variadas a

²⁰ *Manifesto*. (Em apoio às prostitutas vítimas de violência e extorsão em São Paulo), s.l.d., 1 p.

²¹ *Ato Público Contra a Violência Policial*, (jun. 1980), 1 p.

²² *Lampião da Esquina*, ano 3, n. 26. Rio de Janeiro, jul. 1980, p. 18.



Capa do jornal *O corpo*, boletim do *Somos*, grupo de afirmação homossexual. Trata-se do n. 4, de março/abril de 1983, São Paulo (no AEL, periódico brasileiro J/0806). Banco de Imagens/AEL/UNICAMP.

Elaine Marques Zanatta

violência prosseguiu: agressões contra as lésbicas em seus bares habituais, ameaças às revistas que veiculavam abertamente matérias sobre o relacionamento homossexual, e o próprio *Lampião da Esquina* enfrentou problemas, encerrando suas atividades em junho de 1981.

O movimento entrava em refluxo. Muitas tinham sido as questões sem resposta e as escolhas exigiram compromissos políticos. Os enfrentamentos ideológicos e as perseguições de caráter repressivo e moralista desorganizaram internamente os grupos que se questionavam sobre suas formas de atuação. Ainda assim, realizaram-se, nos dias 14 e 15 de abril de 1981, o I Encontro Paulista de Grupos Homossexuais Organizados, uma semana depois do I Encontro dos Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste, no Recife. Os grupos maiores e mais organizados procuraram estabelecer-se em sedes, desenvolveram atividades culturais e mantiveram as de divulgação, buscaram participação pública em eventos de caráter acadêmico, como a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Nela, *o Grupo Gay da Bahia* liderou um abaixo-assinado contra o parágrafo 302.0 da Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde, que definia o homossexualismo como "desvio e transtorno sexual".

Os partidos políticos (re)organizavam-se, conclamando para seu interior os movimentos sociais que, nos anos anteriores, mobilizaram-se pelo restabelecimento da democracia no país. A adoção das bandeiras dos movimentos sociais pelos partidos políticos deu-se através da adesão de seus militantes a um programa político cujas propostas projetavam modificações profundas na sociedade brasileira. Desta forma, para uma parcela dos militantes homossexuais a alternativa estava disponível:

"(...) Três anos depois do início do Movimento os grupos ainda parecem estar num processo de perplexidade quanto aos rumos de atuação. Não chegaram a um acordo sobre o II Encontro Brasileiro de Grupos Homossexuais, que deveria se realizar no Rio, em abril de 81; mal conseguiram uma resposta à onda de repressão às lésbicas que ocorreu em São Paulo em novembro de 80. Essa inatividade é reflexo, principalmente, das diferenças

Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80.

ideológicas. Mas não significa, absolutamente, a estagnação. (...) Às vésperas do 1º de maio deste ano, formou-se o grupo de militantes homossexuais construindo o PT - Partido dos Trabalhadores, que além de ter participado no Dia do Trabalhador, no ABC, tem uma proposta de levar a discussão do homossexualismo à classe trabalhadora, através do Partido dos Trabalhadores. Esse projeto de trabalho dentro de um partido político, proposto por militantes de vários grupos homossexuais, poderá abrir um novo espaço de atuação para os homossexuais, num terreno privilegiado, por tratar-se de um partido de trabalhadores - único setor social cujos interesses coincidem com a necessidade de transformação radical da sociedade, caminho da libertação definitiva do homossexual."²³

"VOCÊ SABE QUAL É A DIFERENÇA ENTRE AIDS E O AMOR? A AIDS DURA PARA SEMPRE."

Esta pichação nos muros da cidade de São Francisco, reduto dos homossexuais americanos, era um insólito aviso de que o pânico e a ironia estabeleciam-se: a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), causador da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), fez, de início, entre os homossexuais, suas maiores vítimas:

"Uma nova síndrome de imunodepressão é reconhecida em Nova Iorque, quando jovens do grupo de homossexuais apresentaram uma epidemia de sarcoma de Kaposi em 1981. Após dois anos, em 1983, foi identificado o agente infeccioso, o HIV, por Barre-Sinoussi, no laboratório de Jean Montagnier. Iniciou-se assim a história de uma epidemia, causada por doença infecciosa

²³ OKITA, Hiro, *Op. cit.*, p. 55

Elaine Marques Zanatta

das mais destrutivas do sistema imunitário reconhecida até hoje, e que leva as vítimas à morte. Segundo J. Mann, da Harvard School of Public Health, esta epidemia produz mudanças sociais trazendo em destaque a discussão do valor do homem, o combate à desigualdade feminina e masculina. Com a crise econômica de 1991, agravando o problema do crescimento das minorias pobres, aumenta a incidência da doença através dos desadaptadores e desalojados, com aumento de distribuição de drogas que segue a expansão da prostituição masculina e feminina."²⁴

Durante os anos que se seguiram, a imprensa explorou a falta de veredicto sobre a síndrome. As descobertas médico-cinéticas sobre a doença caminharam mais devagar do que a síndrome e esta se alastrou.

O Conselho Federal de Medicina mal acabara de abolir, em 1985, o homossexualismo da categoria de "desvio e transtornos sexuais", quando se lê, em inúmeras matérias jornalísticas, sobre as preocupações com o assédio moralizante que a desinformação sobre a síndrome acarretou.²⁵

A comunidade homossexual voltou a ser o centro da questão - não o vírus, mas os homossexuais. Instalou-se uma espécie de caça às bruxas: "peste rosa", "peste gay", "câncer gay", entre outras, eram as referências - apelidos jocosos ao que se considerou "o mal dos anos 80". Os pontos

²⁴ KUSCHNAROFF, Tuba M. et alii. Síndrome da imunodeficiência adquirida, in *Revista Brasileira de Medicina*, Vol. 51, Edição Especial, dez. 1994/jan. 1995, p. 254.

²⁵ BREDA, João Batista. Aids, tema que faz elevar as vozes dos preconceitos, in *Folha de São Paulo*, 07/7/1983; CARDOSO, Irede. Gays podem sofrer caça às bruxas, in *Folha de São Paulo*, 03/4/1985; PERLONGHER, Néstor. A Aids pode se transformar num pretexto para o policiamento médico da comunidade homossexual, in *Folha de São Paulo*, 20/7/1985; CARDOSO, Irede. Uma "doença" ideológica, in *Folha de São Paulo*, 07/9/1983; VASCONCELLOS, Gilberto. Aids, dragão da maldade, in *Folha de São Paulo*, 26/8/1985; DRUMMOND, Roberto. O crime do sapato vermelho, in *Folha de São Paulo*, 29/6/1983; Paulistano está mais tolerante com os homossexuais mas teme a Aids, da Reportagem Local, Redação e Sucursal do Rio de Janeiro. *Folha de São Paulo*, 27/01/1988.

de encontro, bares, e outros estabelecimento perderam freguesia, fecharam ou mudaram de ramo.²⁶ O movimento homossexual, perplexo, fechou-se em si mesmo. O dramaturgo americano Larry Kramer, autor da primeira peça sobre a Aids, *Normal Heart*, disse à imprensa brasileira:

*"Os gays norte-americanos foram atingidos pela epidemia de Aids no momento em que a luta por seus direitos estava quase sendo vencida Hoje, depois de quinze anos de luta, a comunidade gay parece encontrar-se política e moralmente no mesmo ponto em que estava antes de Stonewall."*²⁷

O pânico e o preconceito começaram a perder impulso quando outros grupos sociais foram atingidos. Nos primeiros meses de 1985 foram conhecidos casos de AIDS em crianças e idosos, nos Estados Unidos. "Doenças não têm preferência sexual", alertou a campanha, e a imprensa retomou o assunto. Segundo o professor Joseph Sonnabend, na época diretor da Aids Medical Foundation, "enquanto a Aids for uma ameaça apenas para os gays, o assunto receberá um tratamento secundário na imprensa". E ainda, segundo ele, somente o *The New York Times* tratou a questão com seriedade²⁸. Ainda na mesma matéria, o pesquisador Mark Conan, chefe do Center of Disease Control, em Washington, afirmou que:

"a descoberta da causa da Aids vem sendo dificultada pela ignorância dos médicos sobre a vida das subculturas afetadas pela doença - homossexuais haitianos, consumidores de drogas intravenais, pessoas idosas. O problema é que a maior parte dos médicos que investiga a Aids são jovens, saudáveis, brancos, he-

²⁶ SÁ, Júnia Nogueira de. Desinformação sobre Aids muda hábitos do paulistano, in *Folha de São Paulo*, 04/8/1985.

²⁷ LACERDA, Marco Antônio de. O drama da Aids aumentando, in *O Estado de São Paulo*, 21/4/1985.

²⁸ *Idem, ibid.* 21/4/1985.

Elaine Marques Zanatta

terossexuais e de classe média alta. Eles não sabem, necessariamente, o que acontece na cama de um casal septuagenário, muito menos o que se passa numa sauna gay."

O QUE ACONTECEU COM O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL?

Enfraquecido pelas divergências que se sucederam nos primeiros anos da década de 80, o movimento surpreendeu-se com o advento da AIDS; desarticulou-se, porém não desapareceu. Alguns grupos continuaram com atividades locais, porém não menos importantes - é o caso do *Grupo Gay da Bahia*; outros grupos nasceram neste período, como o *Triângulo Rosa/RJ* (1985-1988). Este grupo, diferentemente dos demais, ocupou-se do aspecto jurídico em relação à orientação sexual²⁹, buscando esclarecer parlamentares e a própria opinião pública da necessidade de alterar o texto da carta constituinte sobre os direitos fundamentais da pessoa. Ao final dos anos de 80 e começo dos 90, os grupos homossexuais retomam fôlego, agora visceralmente ligados ao trabalho de apoio e solidariedade às vítimas da AIDS, às campanhas de esclarecimento e divulgação.

A DOCUMENTAÇÃO DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL, DEPOSITADA NO ARQUIVO EDGAR LEUENROTH - CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO SOCIAL, DA UNICAMP

Em meados de 1985, iniciaram-se os convites para as doações e o recolhimento dos acervos do movimento homossexual, por iniciativa do professor Marco Aurélio Garcia, na época diretor docente do Arquivo

²⁹ Ver, a este respeito, a dissertação de mestrado de Cristina Luci Câmara da Silva, *Triângulo Rosa: a busca pela cidadania dos "homossexuais"*. Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 1993.

Edgard Leuenroth. A notícia de que diversos grupos do movimento homossexual estariam dispostos a encaminhar, como doação, a papelada reunida durante os anos de militância veio ao encontro dos interesses do AEL, que possuía, como um de seus temas principais, os movimentos sociais. Entre esta data e o início dos anos 90, foram doadas diversas e valiosas coleções documentais de grupos de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, trazidos ao AEL por militantes ou por seus familiares. Foi cedidas por Agildo Bezerra Guimarães uma raríssima coleção de jornais editados no Rio de Janeiro, nos anos 60 e 70, além de alguma documentação do *Turma OK*; a documentação do grupo *Somos* veio através de ex-militantes; em 1988, chega parte da documentação do *Outra Coisa*, pelas mãos de Antônio Carlos Tosta; no final de 1990, através da família de José Bonachera Melgar, chega o restante da documentação deste mesmo grupo, e a eles reunidas uma pequena documentação do *Ação Lésbico-Feminista*. Pelos cuidados do professor Luiz Carlos Mott, foi doada a documentação impressa do *Grupo Gay da Bahia*, bibliografias e textos importantes para o estudo do tema e, ainda, uma valiosa carta-compromisso, datada de 29 de maio de 1989, quase um testamento, afirmando que sua documentação pessoal seguirá para este Arquivo assim que ele julgar oportuno. Em 1989, por atenção de João Antônio de Souza Mascarenhas, chega ao AEL a documentação do grupo *Triângulo Rosa*, do Rio de Janeiro e, nos anos seguintes, a coleção documental do professor Paulo Roberto Ottoni.

Além desta documentação oriunda de ex-militantes, que registram e recuperam o movimento homossexual no Brasil durante os anos 70 e 80, o AEL recebe sistematicamente documentos de grupos atuais: são periódicos, manifestos e textos de orientação em relação à AIDS, entre outros.

Qualquer pessoa pode consultar os fundos do movimento homossexual. Apenas alguns documentos do Fundo Paulo Ottoni necessitam de sua autorização expressa para consulta. Em função de não haver nenhuma restrição em relação à pesquisa das correspondências doadas até agora, elas estão liberadas; mesmo assim, o AEL solicita ao(à) pesquisador(a) a assinatura de um termo de responsabilidade e compromisso de resguardo das identidades dos(as) autores(as).

Elaine Marques Zanatta

Quase todos os fundos aqui descritos possuem jornais e revistas nacionais e estrangeiras, livros, folhetos, cartazes e fitas de áudio em cassete, que não serão aqui relacionados mas apenas indicados enquanto tipologia documental. Faz-se necessário assinalar que sendo o objetivo deste trabalho apresentar de forma sucinta a documentação do movimento homossexual, ela não traz detalhes e tem caráter genérico. Observe-se também que o conteúdo dos fundos muitas vezes duplica documentos, em especial os relativos aos grupos militantes. Neste caso, eles são mantidos com o fundo de origem, embora, no conjunto, complementem-se.

Temos também, à disposição dos consulentes, desde 1991, sumários temáticos do *Journal of Homosexuality*, importante revista norte-americana de estudos sobre o tema. Este periódico não faz parte do acervo do Arquivo Edgard Leuenroth, mas pode ser consultado e reproduzido na Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, localizada nas proximidades do AEL.

O AEL possui, ainda, para consulta, os trabalhos acadêmicos já concluídos que foram realizados a partir da documentação ora apresentada. São eles: *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*³⁰; de Pedro de Souza, tese apresentada para obtenção do título de doutor em Lingüística no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, recentemente publicada em livro pela Editora da Unicamp e *Triângulo Rosa: a busca pela cidadania dos "homossexuais"*³¹, de Cristina Luci Câmara da Silva, dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.

³⁰ Este documento pode ser encontrado no AEL através do Tombo CPDS L/20.606.

³¹ Este documento pode ser encontrado no AEL através do Tombo CPDS L/1.410.

Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80.

**FONTES PARA PESQUISA SOBRE O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL:
FUNDOS DEPOSITADOS NO ARQUIVO EDGARD LEUENROTH, DA
UNICAMP.**

FUNDO OUTRA COISA

O *Grupo Outra Coisa - Ação Homossexualista* foi fundado em maio de 1980, em São Paulo, a partir de um racha dentro do grupo *Somos*, em função da não concordância com o encaminhamento político partidário que alguns participantes do grupo vinham tendo.

A documentação do *Outra Coisa* reúne **manuscritos** das reuniões de fundação do grupo, anotações de reuniões internas, de organização de eventos e encontros, listas de endereços, expedição e controle de correspondência; reúne, ainda, **manuscritos** do movimento homossexual sobre diversas questões, assinados em conjunto com outros grupos homossexuais; e também, **manuscritos** dos seguintes grupos: *Somos*, *Grupo Gay da Bahia*, *Ação Lésbico-Feminista*, *Alegria*, *Alegria*, *Auê*, *Eros*, *Facção Homossexual da Convergência Socialista*, *Grupo de Negros Homossexuais*, *Liga Eloinista*, *Somos/MA*, *Somos/RJ*, *Terra Maria - Opção Lésbica* e do *Movimento Homossexualista Autônomo*; **correspondência** ativa (1981 a 1983), passiva (1980 a 1984/1990)³² e de terceiros (1982 a 1986); **textos** diversos; **panfletos** do movimento homossexual, feminista e de outros movimentos sociais; **dossiês**: *Cisão do grupo Somos*, *Memória do Movimento Homossexual*, *Bandeirante Destemido - o Guia Gay de São Paulo*, de 1981, *Movimento Homossexual de Barcelona*, *Literatura e Poesia Homossexuais*, *Richetti*, *Chrysóstomo*; **recortes** variados cobrindo toda a década de 80, organizados na sua origem por tema de interesse. A coleção possui também **livros**, **folhetos** e **periódicos**.

³² A correspondência passiva deste grupo relativa ao movimento homossexual rareia durante o 2º semestre de 1984. Porém, na documentação enviada pela família Melgar, encontra-se grande quantidade de correspondência enviada ao grupo oriunda do movimento ecológico. Por esta razão, está assinalado "/1990".

Elaine Marques Zanatta

O Fundo Outra Coisa contém a documentação pessoal de Zezé Melgar. Esta documentação está apresentada como uma série documentação pessoal e reúne sua correspondência no período entre 1969 a 1987; bilhetes, anotações pessoais e de reuniões, textos, alguns dossiês, tais como: religião e movimento de mulheres e publicações do *Movimento Homossexualista Autônomo*.

FUNDO SOMOS

O Grupo *Somos de Afirmação Homossexual* foi fundado em maio de 1978 em São Paulo, como *Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais*, e sua documentação reúne papéis administrativos e de militância. São **manuscritos** com anotações de reuniões e tarefas, endereços, expedição e controle de correspondência e Livro de Ouro; documentação relativa ao Clube de Cinema Somos (papéis administrativos, programação, controles de locação, entre outros); **correspondência** ativa (1979 a 1986) e passiva (1979 a 1983); **panfletos** do movimento homossexual; **dossiês**: *AIDS, Leva e Traz e O Corpo*, e **periódicos**.

FUNDO TRIÂNGULO ROSA

O grupo *Triângulo Rosa* foi fundado em 1985, no Rio de Janeiro, e sua documentação, em especial a correspondência, está vinculada à de João Antônio de Souza Mascarenhas. Reúne **livros** e **folhetos** especializados no tema, com títulos em português, inglês, italiano e espanhol. Traz também **manuscritos** com anotações, endereços, controle de correspondência; **textos** diversos; **panfletos**; **correspondência** ativa (1977 a 1988) e passiva (1977 a 1988); **dossiês**: Campanha contra o código 302.0; Constituição Federal; Legislação; Processo judicial contra o *Lampião*; **recortes**: de 1973 a 1988 e **periódicos**.

FUNDO TURMA OK

Este grupo carioca teve entre seus associados Agildo Bezerra Guimarães, militante do movimento homossexual e responsável pelo envio da documentação deste grupo. O material relativo ao grupo é pequeno; reúne alguns **manuscritos**, tais como **correspondência** e comunicados enviados aos participantes, bem como **panfletos**, **recortes** e **textos** de outros grupos, a saber: *Movimento de Dignificação dos Homossexuais/RS*, *Grupo Gay da Bahia*, *Somos/SP*, *Triângulo Rosa*, *Turma da Mamãe/RJ* e *Grupo Adé Dúdu/BA*. Agildo sempre esteve ligado à produção de nanicos (pequenos jornais produzidos artesanalmente); assim sendo, este fundo reúne, além da coleção do *Okzinho*, órgão oficial do *Turma OK*, *O Snob*, *Gente Gay*, *Darling* - que tiveram participação de Agildo - e outras publicações surgidas durante os anos 60 e 70, no Rio de Janeiro e em Salvador tais como: *O Grupo*, *O Centauro*, *Foyer*, *Tiraninho*, *La saison*, *Le femme*, *Mammy's News*, *O Vic* e *Aliança de Ativistas Homossexuais*.

FUNDO PAULO OTTONI

Paulo Roberto Ottoni é professor na Universidade Estadual de Campinas, atuando nas áreas de teoria e ensino da tradução. Sua formação, entre a Lingüística e as Ciências Sociais determinou um perfil para seu conjunto documental. Ele reflete seu interesse em compreender a inserção dos homossexuais na sociedade, bem como sua própria observação e militância no movimento homossexual. Reúne **manuscritos** sobre os principais eventos do movimento nos anos 80, anotações de leitura, resultados de pesquisas realizadas sobre homossexualidade e classes sociais, e sobre os michês; cópias de processo judiciais contra homossexuais, gravações em fitas de áudio em cassete com depoimentos e entrevistas; **periódicos** nacionais e estrangeiros e **livros** sobre o tema homossexualismo, em especial literatura.

Elaine Marques Zanatta

FUNDO GRUPO GAY DA BAHIA

Desde sua fundação em 1980, *o Grupo Gay da Bahia* nunca cessou suas atividades e foi o primeiro grupo homossexual brasileiro a se registrar enquanto sociedade civil, em 1983. Liderado pelo Professor Luiz Carlos Mott, a documentação do GGB chegou ao AEL por seu intermédio. O fundo reúne as publicações impressas do grupo e apresenta uma série reservada ao professor Mott, em função de documentação pessoal já entregue ao AEL, até que o professor encaminhe o restante de sua documentação, conforme se comentou no início deste artigo.